

A ESCOLA PROFISSIONAL PARA O SEXO FEMININO ATRAVÉS DA IMAGEM FOTOGRÁFICA

BONATO, Nailda Marinho da Costa - UNIRIO/PICDT

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: CAPES

O trabalho apresenta o trabalho desenvolvido para a produção da tese de doutorado, tendo como objeto a Escola Profissional Feminina instituída na esfera pública de ensino do Distrito Federal, nas primeiras décadas da República, e como fonte privilegiada a imagem fotográfica.

No âmbito da educação oficial para o sexo feminino, no período em estudo, o surgimento da escola profissional é marcado pela criação do Instituto Profissional Feminino, em 1898, denominado em 1912 de Instituto Profissional Orsina da Fonseca. E seguindo a lógica da denominação dada às escolas primárias da época¹, a instituição da 1ª Escola Profissional Feminina e da 2ª Escola Profissional Feminina, ambas em 1913². Em 1915 tiveram essa denominação alterada para Escola Profissional Bento Ribeiro e Escola Profissional Rivadávia Correa, respectivamente; e por último da Escola Profissional Paulo de Frontin³, em 1919, originária do Externato do Instituto. Esse tipo de escola era entendida como uma escola de formação profissional, comercial e doméstica, objetivando “formar moças prendadas, para o lar e para o trabalho, em caso de necessidade”, conforme regulamento.

Embora as imagens disponíveis apontassem semelhanças no seu cotidiano, como o registro de ambientes amplos e agradáveis, onde as meninas viviam e aprendiam os ofícios, fomos descobrindo ao longo da pesquisa que em sua natureza e origem não eram iguais. O Instituto nasceu com objetivos diferentes das escolas denominadas de profissionais para o sexo feminino. As escolas denominadas e entendidas como Escola Profissional Femininas foram criadas a partir do decreto n. 838, de 20 de outubro de 1911, referente à organização do ensino técnico-profissional, que estipulava a criação de vinte escolas profissionais, sendo dez para o sexo masculino e dez para o sexo feminino, em regime de externato. O ensino profissional de nível primário e em regime de

¹ As escolas primárias eram denominadas, por exemplo, como: 1ª escola primária para o sexo feminino do 1º distrito.

² Essa denominação dada às escolas profissionais foi alterada dois anos depois, ou seja, em 1915, como veremos no texto.

³ Em homenagem a ex-prefeitos da Capital.

externato, é oferecido às meninas pobres e de classe média baixa da capital e do país nos moldes dos países civilizados, visando ao trabalho no lar, seja enquanto dona-de-casa ou mesmo como empregada doméstica especializada, na indústria e no comércio, aqui se apresenta como parte das ações do Estado no que se refere a educação. As meninas dessas escolas não trilhariam o ensino secundário tampouco o superior, que era para formação da elite, como bem observou Saffioti.

O Instituto profissional feminino, é criado por decreto em 1897 e inaugurado em 28 de outubro de 1898⁴, como responsabilidade do poder municipal, para abrigar meninas entre 8 a 15 anos de idade oferecendo 120 vagas e recebendo as mesmas normas administrativas impostas ao Instituto Masculino.⁵ Nas duas instituições são recebidas, em regime de internato, de preferência as crianças pobres e desamparadas e órfãos de pai e mãe, ou só de pai ou de mãe nessa linha de orfandade, e filhos de funcionários públicos, sendo oferecido gratuitamente com toda a assistência educativa, prática, alimentar e de vestuário.⁶

Conforme Luiz Edmundo, na obra O Rio de Janeiro do meu tempo, de 1938, ao tomar posse como presidente do país, Rodrigues Alves (1902-1906) resolve tomar medidas capazes, senão de transformar a *urbs* por completo, pelo menos de melhorá-la; com esse objetivo convida o engenheiro Pereira Passos⁷ para prefeito do Distrito Federal, visando empreender reformas, segundo o seu pensamento de padrão de cidade aos moldes urbanos dos grandes centros europeus, onde a civilização e o progresso se faziam presentes no projeto de modernidade pretendido por aqueles. Tendo em vista esse modelo, a introdução de novos hábitos e costumes na cidade era necessária para se tirar o “atraso” oriundo do regime anterior – o imperial. Nesta perspectiva, o prefeito

⁴ Data consagrada às comemorações de seu aniversário.

⁵ O Asilo dos Meninos Desvalidos foi inaugurado, no município da Corte, em 14 de março de 1875. O decreto n. 5.849, de 9 de janeiro de 1875, que regulamentou o decreto n. 5.532 de 24 de janeiro de 1874⁵, transforma o Asilo dos Meninos Desvalidos em estabelecimento profissional que, segundo seu regulamento, seria “um Estabelecimento de Assistência aos Meninos pobres, desamparados”. Pelo decreto n. 722, de 30 de janeiro de 1892, transformou o Asilo dos Meninos Desvalidos no Instituto de Educação Profissional, incorporando a ele a Casa de São José, outra entidade assistencial Pública. (Cunha, p.93-4). Deste se originou, em 1894, o Instituto Profissional Masculino. (Cf em Cunha, 2000, Ciavatta, 1993, Costa, 1958, Freitas 1954)

⁶ O currículo caracterizava a diferença de ensino para um e outro sexo. No caso do Instituto Profissional Masculino, as oficinas eram as seguintes: carpintaria Instituto Profissional Masculino, marcenaria, entalhadura, tipografia, encadernação, alfaiataria, ferraria, latoagem, e sapataria. Cada oficina era dirigida por um mestre, assistido de tantos contramestres quantas eram as turmas de alunos operários. O estabelecimento oferecia os seguintes serviços: médico, enfermaria, farmácia, lavanderia.

⁷ Membro da aristocracia cafeeira, no seu percurso como engenheiro ferroviário se ligou às elites defensoras da modernização, da industrialização e do progresso como valores a serem conquistados.

contrata o fotógrafo Augusto Malta para registrar visualmente os feitos da transformação da cidade. A fotodocumentação⁸, além de servir como prova dos feitos do governo da capital, era um instrumento de divulgação visual da reforma a que fora submetida a cidade, a partir de Pereira Passos, entre elas a construção e aquisição de novos prédios escolares.

Conforme Mensagem à Câmara Municipal, de setembro de 1903, Passos informa apenas dispor de recursos para a manutenção de alguns colégios, entre eles o Instituto Profissional Feminino (Barros, p. 323)⁹

Visando ao melhoramento urbano da cidade do Rio de Janeiro, ainda no império, Francisco Joaquim Bittencourt¹⁰ e Francisco Pereira Passos responderam pela concepção arquitetônica de várias obras na capitã (Abreu, 1987). O primeiro foi responsável pelo prédio onde mais tarde se instalou o Instituto Profissional Feminino e o segundo pelo prédio da Escola Pública da freguesia de Sant'Ana, na Praça da Aclamação, onde foi instalada posteriormente a Escola Normal e depois a Escola Profissional Rivadavia Correa, em 1915. Consta que a escolha do local – Campo de Santana, deve-se principalmente ao fato de ser aquele lugar o centro político-administrativo da capital do Império, ponto estratégico onde se localizavam vários prédios representativos do Poder.

Eugènes Haussmann utilizou as fotografias na documentação das ações de seu governo em Paris, fato que Pereira Passos pôde testemunhar pois lá se encontrava no período, realizando estudos de especialização na década de 1850. Haussmann utilizou o recurso fotográfico de suas ações como testemunha da remodelação urbana que promoveu.

Malta foi o fotógrafo oficial da prefeitura do Rio de Janeiro, contratado na gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906), permanecendo até a gestão de Pedro Ernesto Batista (1935-1936). Quando fotografava, estava cumprindo sua função administrativa de funcionário público, ou seja, fotografar o que lhe era solicitado pela

⁸ Conforme Oliveira Junior.

⁹ E também o Instituto Profissional Masculino, a Escola Modelo localizada na Praça Marechal Deodoro, a Escola Duque de Caxias, a Escola de Santa Cruz, a Escola Gávea e a Escola Benjamin Constant. (Mensagem do prefeito à Câmara Municipal, set. 1903, p.36 (Barros, p.323)

¹⁰ Francisco Joaquim Bittencourt estudou com Grandyeen de Montigny na Academia de Belas-Artes, assumindo o cargo de arquiteto da Câmara Municipal entre 1850 e 1859. Participou da criação da Sociedade Propagadora de Belas-Artes (1856), do Liceu de Artes e Ofícios (1858) e foi professor-adjunto na Escola Politécnica.

Prefeitura, de acordo com seus interesses

Em muitas das imagens das Escolas, percebemos que a pose dos personagens e a distribuição dos objetos para se chegar ao cenário desejado pelo fotógrafo eram pensados minuciosamente, o que demandava uma longa duração de exposição por parte dos personagens retratados até o momento da ação do registro da imagem. Em outras, em menor quantidade, os personagens parecem mais a vontade, como se tivessem sido surpreendidos pelo fotógrafo, embora soubessem da sua presença ali naquele espaço e de seu objetivo: registrar o evento, o acontecimento, a situação. Para Oliveira Junior “...o trabalho inicial de um fotógrafo é dispor ou distribuir objetos e personagens dentro de um espaço, no caso o visor da câmera” (1994, p. 67) de modo a conseguir captar, enquadrar toda a cena que lhe interessa registrar. Em muitas das fotografias percebe-se a intenção do artista em revelar uma certa hierarquia dos personagens retratados e uma escola “que deu certo.”

O seu fazer fotográfico, enquanto determinação dada pela ação do poder público o leva a posicionar sua câmera sob o mesmo ponto de vista da elite política que define e dirige o processo de modernização urbanística. O lado da visão de mundo do poder está perfeitamente registrado... (1994, p.111)

Por mais neutra que possa parecer, a fotografia reflete o *olhar*, a postura do fotógrafo diante da realidade a ser fotografada. Boris Kossoy (1989) entende ser a atuação do fotógrafo um filtro cultural, tendo por base aspectos como a eleição de um tema a ser fotografado e o seu respectivo tratamento estético, a preocupação com a organização visual dos detalhes, a forma de utilização dos recursos oferecidos pela tecnologia. O ato fotográfico, de certa forma, representa uma tomada de posição crítica ou a-crítica, seja de um fotógrafo anônimo ou de um fotógrafo oficial, como é o caso de Augusto Malta, no Rio de Janeiro, embora tenha sido também profissional autônomo e editor de fotografias e cartões-postais.

Atuando também como profissional autônomo, foi contratado pela The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Co. Ltda., entre outras agências e, como fotógrafo-jornalista, Malta foi colaborador de alguns jornais da época. O fotógrafo costumava ficar com reproduções de suas fotos, provavelmente esta prática ocorria com as fotos da prefeitura, acumulando com isso seu próprio arquivo pessoal, pois encontramos a mesma imagem tanto num acervo quanto no outro.

O quadro teórico-metodológico foi se construindo ao longo da investigação. Concordamos com Ciavatta quando diz que ainda está em construção uma metodologia para a fonte fotográfica, principalmente na área de educação. Em nossa pesquisa, levamos em consideração: a existência de fotografias sobre as escolas profissionais para o sexo feminino nos arquivos, quem as produziu, por que e para quê – razões e finalidades de sua produção, local e data de sua realização, quem as preservou, o contexto histórico, cultural e social. Dentro do possível, situamos arquivo, série, data, local, tema, objetos, ambiente, poses, pessoas registradas. Tentamos reconstituir, dentro do possível, as atividades didático-pedagógicas do seu cotidiano; entender o que a Escola representou para a educação feminina e o seu papel no projeto educativo do poder municipal na Capital Federal; a relação das imagens com as transformações sofridas pela cidade do Rio de Janeiro, nos planos arquitetônico, político, cultural, educativo, que como capital da República era “tambor” nacional.

Cardoso (1990) ao se referir ao uso dessas *novas* fontes como recurso historiográfico, entende que as fontes iconográficas devem ser confrontadas com outros tipos de documentos, não sendo isso uma exceção, pois esse procedimento deve ser aplicável a qualquer fonte.

Apesar de ter como ponto de partida a fotografia, entendemos ser necessário resgatar outras fontes, num processo de intercomplementaridade com as fontes fotográficas, outros documentos que nos ajudassem a ler as imagens à medida que elas nos apontavam para essa necessidade. Cotejamos a “leitura” da imagem com as informações contidas em jornais, revistas, leis, decretos, ofícios, relatórios e outros documentos escritos.

Começamos a pesquisa a partir da coleção de Augusto Malta, localizada no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, onde fizemos o levantamento das fotografias existentes da Escola Profissional Feminina. Foram selecionadas um total de 28 imagens representativas do conjunto disponível e uma do auto-retrato do fotógrafo. No MIS, na “Coleção Augusto Malta/série Escolas”, do conjunto selecionado

inicialmente, só foi possível a reprodução de 31 imagens das escolas de acordo com os critérios da Instituição. No acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa da “Coleção do acervo: AMRJ – Escola Profissional”, das fotos disponíveis foram selecionadas um total de 6 imagens das Escolas e uma de uma loja de chapéus, um tipo de produto feito pelas alunas.

Feito o levantamento e a identificação inicial - através das legendas que foram produzidas pelo próprio fotógrafo e situadas na superfície das imagens, e da descrição dos técnicos das instituições-memória -, a seleção e a reprodução, tentamos construir uma metodologia de análise. Preliminarmente, fizemos um arranjo cronológico dentro de cada escola, independentemente do acervo, tendo como referência a data em que Malta começou a trabalhar para a prefeitura. Com esse procedimento foi possível identificar: as datas-limite das imagens referentes a cada Escola; que a maioria das imagens era da Escola Rivadavia Correa (33), seguida das do Instituto Profissional Feminino (24); que a maioria das fotos sem data era do Instituto; parte significativa das imagens da Escola Profissional Paulo de Frontin era do final da década de 1920 (10), do início do período da reforma Fernando de Azevedo; que conseguimos resgatar da Escola Profissional Bento Ribeiro uma única imagem.

Analisando as imagens foi possível também: perceber a existência de imagens referentes a um mesmo evento, nos diferentes acervos; comparar tipo de imagem, enquadramento, personagens e sua disposição, indumentárias; que o alvo preferencial do registro imagético eram as oficinas de trabalhos manuais, seguido do prédio e suas partes.

Considerando as pertinências observadas, as imagens foram organizadas em séries fotográficas temáticas e estruturais de acordo com o volume fotodocumental encontrado em cada escola e a forma de Malta fotografar. As do Instituto foram organizadas em três séries:

Instalações físicas (F-2 a F-6), incluindo o prédio e suas partes (fachada, vista lateral, refeitório, lavatório, dormitório). Nas imagens do prédio a sua amplitude, uma arquitetura arejada, majestosa e imponente, destaca-se no contexto da cidade, para abrigar “meninas desvalidas”. Apresenta aspectos como ventilação, iluminação, arejamento, circulação, limpeza e asseio, no prédio todo arborizado. Dormitório, lavatório, refeitório representando um ambiente saudável, varandas, quadras para a prática desportiva, visando à educação disciplinar do corpo, salas para as oficinas, pátio interno, jardim interno, grades e o grande portão de ferro da entrada principal do

Instituto também são visíveis naquele cotidiano pedagógico assistencialista para a educação profissional das meninas.

Do refeitório, com ou sem a presença das alunas, registrou suas longas mesas e bancos para as refeições, tendo pratos, talheres e copos à mostra como prova do ambiente e assistência oferecidos às alunas naquele estabelecimento de ensino. Do lavatório, registrou como signo de modernidade a presença de luminárias elétricas dentro da escola. A iluminação indica que a eletricidade já chegou, não só ao Instituto, mas, e principalmente, à cidade. Embora não esteja datada pela inscrição na superfície da foto de “I. P. Feminino – lavatório – Rio”, acreditamos não ser anterior a 1906, pois é a partir deste ano que a Light se instala na cidade, viabilizando a iluminação pública nas ruas e nas escolas da capital, nem posterior a 1912, pois foi quando passou a se denominar Orsina da Fonseca após a morte da Primeira Dama.

A imagem do dormitório demonstra o regime de internato do Instituto. De imensas dimensões, é outro ambiente que aparece vazio, sem a presença das alunas. Asseado, com camas alinhadas rigorosamente em fileiras dispostas, todas na mesma posição, arrumadas, com colchão, lençol e travesseiros impecáveis. É arejado e iluminado, pois a tomada em profundidade permite-nos observar as amplas janelas e portas, que no momento do clique estão em sua maioria abertas, representando um ambiente saudável.

Na série oficinas e aulas (F-8 a F-18) destaca-se as oficinas (de chapéus, flores, coletes, engomar, a lavanderia, de datilografia) e as aulas de ginástica e outras práticas desportivas, como: tênis e vôlei, visando a educação do corpo, conforme o regulamento. Aqui destacamos uma imagem de 6 de dezembro de 1929 (F-18), depois da Reforma Fernando de Azevedo, onde, no verso da foto, encontra-se a seguinte anotação: “Carolina D’Artayett Braga com suas alunas de gymnastica dos Cursos Anexo e Profissional do Instituto Orsina da Fonseca. Para botar na *Revista da Semana* á título de propaganda.”

Na série grupo (F-19 a F- 26) destaca-se o corpo discente, seguido do corpo docente e da diretora. O fotógrafo nos revela com suas lentes os registros em grupo de alunas professoras, com a constante presença da diretora ao centro da imagem em tomada frontal. Percebe-se na disposição dos personagens na imagem uma certa hierarquia nos papéis desempenhados por cada um: alunas, professoras, diretora (autoridade máxima dentro do Instituto) e as autoridades externas. Destacamos que

essas imagens que valorizam também as instalações externas, pois foram produzidas sempre em pátios e varandas, demonstrando amplo ambiente que as abrigam.

Embora as imagens nos sugiram que as meninas tenham sido sempre muito bem atendidas pela instrução pública naquela cidade, pelo menos no ensino profissional, e que melhoramentos foram feitos ao longo de sua existência, o número de vagas era insuficiente e suas instalações não vinham atendendo ao que se propunha. É significativo o Relatório da Instrução Pública, datado de 1909, referente ao ano de 1908, do diretor geral Leôncio Correa (1907-1909). No ensino profissional especificamente aponta o Relatório a necessidade de ampliação do Instituto Feminino considerando ser preciso que a diretora fixasse moradia no prédio, atendendo a legislação vigente de 1902 e a melhoria das instalações das oficinas “que actualmente se acham installadas em salas acanhadas [?] que mal comportam as aprendizes.”¹¹

Nas imagens das oficinas, percebe-se a diversificação da indumentária utilizada pelas alunas de acordo com cada atividade desenvolvida por elas, ou melhor, nas imagens das oficinas e aulas podemos observar o uso de diferentes uniformes. O fato é que como uma Instituição educativa assistencialista, as alunas do Instituto Profissional Feminino recebiam do governo vestuários e calçados sem restrições, “com a abundância que seria necessária, para poderem andar com a limpeza e decência precisas”. No entanto, essa é uma condição que vai se modificando paulatinamente. O discurso encontrado no Relatório datado de 1903, apresentado pelo diretor geral de Instrução Pública Medeiros e Albuquerque (1901-1906) ao prefeito Pereira Passos, é sinalizador da questão. Segundo o Relator, reconhecendo a impossibilidade do governo continuar com essa assistência irrestrita, o antecessor do prefeito pensou em duas providências para resolver a questão: o de só fornecer roupas e calçados aos alunos comprovadamente pobres, na proporção que o orçamento determinasse. Em relação ao Instituto Profissional Feminino, solicita autorização para expedir edital convidando as alumnas (...) que não forem órfãos de pae e mãe ou, ao menos, de pae, a trazerem o enxoval necessário”¹².

As imagens do prédio do Instituto, além de serem transformadas em cartão-

¹¹ Acervo AGCRJ.

¹² Relatório datado de 27 de janeiro de 1903.

postal, eram divulgadas em periódicos, como uma de 1912 da vista lateral do prédio publicada na *Brasilianisch Rundschau* (Revista Brasileira), da comunidade alemã, ano II, 5-6, maio-junho, com a seguinte descrição “As palmeiras do Jardim do IPF – Rua São Francisco Xavier”, como exemplo de uma das escolas primárias municipais no Rio de Janeiro do fotógrafo Malta, como constatamos em Barros (1997, p. 459).

Quanto as Escolas Profissionais Bento Ribeiro e Paulo de Frontin não foi possível a apresentação dividida em séries devido ao inexpressivo volume fotodocumental encontrado. Da 1ª Escola Profissional Feminina (Bento Ribeiro) encontramos apenas uma imagem de 1916 (F-27) no acervo do MIS. Na imagem, visualizamos um grupo de alunas sentadas no pátio da frente, em fileiras crescentes, de modo a que todas coubessem no registro imagético. Em destaque ao centro, na segunda fileira, observamos a diretora Madame Francisca Bonjéan¹³, senhora carioca “possuidora de nobres virtudes e boníssimo coração”.

Conforme Freitas (1954), essa escola foi instalada de forma experimental, em 10 de maio de 1913, no andar superior da escola de instrução primária José de Alencar¹⁴ no Largo do Machado. Em sua trajetória passou por vários endereços, sendo até mesmo desativado por um certo período, só sendo reativada em 1926. Isso vem explicar em parte os poucos registros imagéticos neste período por parte do fotógrafo e de seu contratante no período e mesmo o desinteresse.

Da Escola Profissional Paulo de Frontin encontramos poucas imagens (F-61 a 69) e só a partir de 1926, apesar do seu surgimento em 1919. Basicamente, são registros realizados a partir da gestão de Fernando de Azevedo (1927-1930) na Diretoria de Instrução Pública Municipal. O por quê era a também a pergunta. Assim como a Bento Ribeiro, essa Escola também sofre em sua trajetória com a falta de um prédio próprio, passando por vários endereços. Tendo origem no Externato do Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca, em fevereiro de 1919, muda-se para um prédio alugado, situado na rua Hadock Lobo, oferecendo o curso profissional e o comercial, ainda sob a denominação de externato. Após o término da gestão do prefeito Paulo de Frontin, em sua homenagem o Externato do Instituto Orsina da Fonseca passou a denominar-se *Escola Profissional Paulo de Frontin*. Possuindo, naquele momento, 337 alunas

¹³Acervo: Escola Bento Ribeiro. Extraído do BOLETIM MENSAL do Col. Estadual Bento Ribeiro, nº 2, maio de 1973, “60 Anos a Bem da Educação”, p. 41).

¹⁴ Hoje Escola Amaro Cavalcanti

matriculadas no curso profissional e 94 no curso comercial, perfazendo um total de 431 alunas. Conforme os livros de matrículas, a maioria nascida na capital. Porém, só adquiri prédio próprio em 1926.

Situada no bairro do Rio Comprido Malta registra imagens da fachada do prédio. Na administração de Antonio Prado Junior, no lugar do prédio em que funcionava foi construído um outro, em consonância com os pressupostos da Reforma Fernando de Azevedo, que impôs uma modificação no ensino profissional, incluindo a construção de prédios, sendo inaugurado em 10 de novembro de 1929.

De seu ambiente interno, registra uma imagem de uma sala onde aparecem duas alunas desenvolvendo trabalhos com mapas do Brasil, relevo, gravuras, acompanhadas por uma mestra, sinalizando elementos da Escola Nova; e outra nessa linha de raciocínio é a imagem de um laboratório [de química] sem a presença de alunas. Registra o interior de uma sala de aula sem a presença humana mas com carteiras individuais de madeiras e quadro-de-giz, onde encontra-se grafado “40 alunos”

De 10 de dezembro de 1928, encontramos uma imagem registrando o interior de sala com exposição de peças de indumentária infantil dentro e em cima de cristaleiras. Inicialmente nos lembra o museu da Rivadavia Correa; uma outra da sala com exposição de arranjos florais, levando a crer que podem ser atividades de final de ano, como avaliação, como no Instituto e na Rivadavia Correa, tendo em vista o regulamento das escolas profissionais.

Na parte de ofícios, registra uma sala de aula com carteiras duplas de madeira onde as alunas estão desenvolvendo trabalhos de agulha. Algumas estão concentradas no ofício parecendo ignorar a figura do fotógrafo, outras já denunciam sua presença, olhando diretamente para a câmera. Ao fundo vemos a professora em pé.

Solenidades, visitas de autoridades, grupos de alunas e professores e diretora, também são registradas. Entre as autoridades, a presença de Paulo de Frontin era uma constante, sempre no centro da imagem.

Constatamos que das três escolas profissionais surgidas a partir do decreto de 1911, estudadas por nós, a que mereceu o maior número de registro imagético por parte de Augusto Malta foi a Rivadavia Correa (F-28 a F-60), em especial as referentes às atividades manuais. O porquê dessa prevalência era a pergunta. Uma das possibilidades de resposta, estava ligada ao fato de estar o prédio localizado em um ponto privilegiado e estratégico da cidade.. Suas imagens ocuparam com destaque as páginas de jornais e

revistas como a *Revista da Semana*. Encontramos fotos da escola nos v. 17, n. 46, p. 50-51, de 23 de dezembro de 1916; e v. 19, n. 30, p. 6, de 31 de agosto de 1918.

Como Escola Profissional foi criada pelo mesmo decreto que criou a Bento Ribeiro. Instalada inicialmente no andar superior do prédio da Escola José Bonifácio de nível primário. Apenas algumas escolas primárias foram instaladas em bons prédios naquele início de século, em detrimento da maioria, e a José Bonifácio era uma delas. Foi inaugurada em julho de 1913, na administração de Bento Ribeiro, sendo escolhida para dirigi-la D. Benevenuta Ribeiro Carneiro Monteiro, sobrinha do prefeito. Sua imagem é figura central em muitos registros produzidos por Malta referentes a essa escola. A imagem mais antiga que recuperamos é de 1904, registrando o prédio dessa escola quando ainda ocupado pela Escola Normal; prédio que foi adaptado posteriormente para se instalar a então denominada 2ª Escola Profissional Feminina.¹⁵ Sendo seu patrono Rivadavia Correa, este entendia que “naquele casarão da Praça da República” seria dada a “disciplina conveniente ao sexo feminino”.

A adaptação pela qual passou o prédio, naquele ano, teve o apoio financeiro de diversas empresas, entre elas, The Rio de Janeiro Light and Power.

As imagens valorizam a arquitetura escolar; nelas, podemos ver as varandas, os pátios, a fachada do prédio, as grades, o Museu; as aulas de ginástica, as atividades culturais e extraclasse; as festas, eventos, as visitas de autoridades; professores, alunas, a figura da diretora; mobiliários e a variedade de uniformes usados pelas alunas. Parece-nos que tenta passar a satisfação e aplicação das alunas no seu fazer cotidiano escolar. Valorizam sobretudo os trabalhos manuais desenvolvidos nas diversas oficinas e aulas de prendas domésticas, corte-costura, pintura, confecção de chapéus, desenhos, modelagem, arranjos de flores e o material necessário para seu desenvolvimento, valorização expressa no registro das exposições de final de ano com o produto do trabalho das alunas.

São imagens demonstrando o cotidiano escolar de um projeto-pedagógico entendido como bem-sucedido, merecedor de elogio por parte de um professor americano da Universidade de Columbia, na gestão de Carneiro Leão na Diretoria de Instrução Pública (1922-1926). O Dr. I. L. Kandel. O professor se expressa, segundo o diretor, da seguinte forma: “O Sr. deve estar orgulhoso da sua escola, essa orientação é magnífica.” (1926, p.191).

¹⁵ As imagens do AGCRJ que não estavam no sistema automatizado tiveram reprodução fotográfica realizada pelo fotógrafo Marco Antonio Belandi, do próprio Arquivo.

Aqui foi possível dividi-las em séries, devido ao expressivo volume e as temáticas pertinentes. As séries fotodocumentais são as seguintes: instalações físicas (o prédio e suas partes). Nesta série (F-28 a F-34) podemos verificar a pomposidade do prédio da Praça da República, pois foi enquadrado o seu frontispício, onde na parte superior aparece a inscrição “Escola Normal” e o Campo ajardinado. Outra imagem significativa é a de 19 de novembro de 1921. Em tomada lateral vemos a fachada do prédio tendo a sua frente um grupo de alunas em pé e outras alunas debruçadas nas janelas; à frente desse grupo, outros personagens que não conseguimos identificar, talvez professoras. Podemos ver em seu frontispício grafado o nome da escola, além da grama, a limpeza.

Uma imagem de seu ambiente interno registra um grupo de autoridades em visita ao gabinete dentário, entre elas, Carneiro Leão. Conforme Freitas, esse gabinete foi instalado em 1922 com donativos de particulares. Aqui os ideais escolanovistas já estão bastante presentes como, além do ambiente do gabinete dentário, pudemos constatar, através das imagens, a existência de um museu na escola. Nela vemos vitrines com objetos em exposição, painel com fotografias e quadros na parede.

Na série oficinas e aulas (F-35 a F-46) (aulas de desenho, oficina de chapéus, de costura, aula de arte culinária, aula de atividades físicas). Esta foi subdividida nas subséries, a saber: Exposição de trabalhos manuais e Atividades culturais e passeios (extra-classe. Também as atividades físicas realizadas e a emulação estão presentes nas imagens.) A disputa pedagógica aparece nas imagens referentes à prova de desenho como a datada de 27 de novembro de 1925 no interior da “Sala Dr. Benedicto Raymundo” em “Exame de desenho”. No resultado final, vem escrito nos desenhos o nome da aluna e “Exame: de memória em hora e meia”. (F-35) Essas imagens tentam nos revelar as habilidades das alunas ao desenhar modelos de vestuário feminino em moda na cidade, em estilo europeu.

Essa atividade era tão importante no currículo da escola que seu conhecimento era demonstrado para visitantes ilustres, como é o caso do ministro do Egito, em 1925, registrada em uma série de fotos.

Na seqüência de imagens, destacamos a oficina de chapéus, onde as alunas são registradas sentadas às mesas executando trabalho de agulha, em aula prática. Na

imagem da Oficina de costura, vemos alunas sentadas diante da máquina de costura, executando trabalhos e outras manipulando agulhas com as mãos, em tecido. A aula de artes culinária (F-39) na cozinha doméstica denominada “Sala Mabel Pearson”. As alunas trajando uniforme e com touca de pano na cabeça, as mestras também usando um avental, demonstrando a preocupação com a higiene na feitura dos alimentos.

Na Subsérie exposição de trabalhos manuais (F-41 a F46), identificamos que os trabalhos manuais (de agulha) produzidos pelas alunas eram expostos nas “Exposições de fim de ano” em diversas salas, fazendo parte da avaliação escolar, sendo abertas à visitação. Nelas podemos observar a prática de exposição de chapéus, desenhos e modelagem de vestuário feminino (corte e costura, com máquinas e manequim de “gesso” da época), flores. Em algumas, destacam-se apenas os trabalhos e em outras há a presença de alunas.

Observamos nas imagens o uso para exposição das várias salas “batizadas” em homenagens a ex-prefeitos, políticos influentes, padrinhos, entre outros benfeitores. Assim como o gabinete dentário, as salas das oficinas também foram instaladas com o apoio de terceiros. Por isso, muitas dessas salas foram “batizadas” com os nomes de seus benfeitores, políticos, entre outros. Conforme Freitas, em 1915, elas foram instaladas a expensas do livreiro Francisco Alves, Vilas Boas & Cia, Leandro Martins e The Rio de Janeiro Light and Power. É essa a razão de terem sido inscritos esses nomes em salas da nova sede da escola”.

Na subsérie atividades culturais e passeios (F-47-F50), observamos que nem só de atividades internas viviam as alunas; atividades culturais e passeios também faziam parte de seu cotidiano, que não deixaram de ser registradas por Malta, de modo a demonstrar todo o ensino oferecido às meninas pobres. Os registros feitos de várias atividades culturais ocorridas no pátio da escola, são significativos. Podemos visualizar a dança coreografada pelas alunas em trajes típicos e identificada como “Na Terra de Carmen” e a apresentação teatral “Toselli – Serenata.”

As atividades não se limitavam aos muros da escola; as alunas faziam visitas de estudos e passeios culturais, sempre acompanhadas pelas professoras e diretora, como, por exemplo, ao morro do Corcovado (Cristo Redentor) e ao Museu Histórico

Na Série grupo (F-51 a F-59), incluímos solenidades, visitas de autoridades, grupo de alunas e professoras, tendo a diretora como presença central. Registros realizados em vários espaços da escola, em pátios, varandas, interior de salas do prédio

Devido à data de 10 de maio de 1923, a imagem (F-54) parece registrar a solenidade de aniversário de dez anos da Escola. Nessa foto, as alunas aparecem com vestido de “gala”, de frente, em fileiras, dispostas lado a lado, formando um arco.

O prefeito Alaor Prata era uma presença bastante freqüente nas solenidades, como na imagem datada de 4 de dezembro de 1925, que registra um grupo de alunas uniformizadas e pessoas reunidas no pátio da Escola, destacando-se no centro da imagem o prefeito e a diretora Benevenuta Ribeiro (F-55), posição representativa da autoridade externa e interna à escola. E outra da mesma data traz o grupo de pessoas, entre elas alunas uniformizadas, reunidas em interior da “Sala Dr. Azevedo Sodré”, destacando-se o prefeito Alaor Prata (F-56).

A visita do ministro do Egito em 28 de novembro de 1925 mereceu várias chapas fotográficas, em vários momentos. Em uma delas, o ministro aparece sentado, assinando o livro junto à diretora, por ocasião de sua visita à escola na “Sala Dr. Azevedo Sodré”. No cenário atrás, aparece em exposição um painel com trajés femininos desenhados pelas alunas (F-57 a F-59).

Apesar da República leiga, as escolas eram abençoadas pela Igreja Católica. Encontramos uma série de registros que nos revelam a presença de autoridades religiosas nas solenidades da escolas. Quanto a essa presença, Saffioti (1979) entende que a República ao surgir não tinha um plano central que desse as diretrizes para uma política nacional de educação, com isso a República leiga deixava margem para a atuação da Igreja Católica nesse terreno devido a sua tradição nessa área. (Saffioti, 1979, p.214)

A guisa de conclusão

Para Louro (1997, p.62), assim como o Instituto a escola profissional feminina dedica: “intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens ‘prendadas’, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha e pintura.” A condição de uma escola como formadora da mão-de-obra feminina que serve ao lar, à indústria e ao comércio foi se consolidando ao longo de tempo,

expressas nas palavras de Afrânio Peixoto, Diretor de Instrução Pública no período de 1916 a 1917, em seu livro *A Educação da mulher*, a se expressar da seguinte maneira em relação à escola profissional feminina: “...A escola profissional, depois de Azevedo Sodré, [1915-1916] dá produtos, procurados nas indústrias femininas e no comércio da indumentária.” (1936, p.111).

No entanto, até o término da gestão de Carneiro Leão na Diretoria de Instrução Pública, o poder público não atendeu o contingente de meninas menos abastadas que queriam frequentar esse tipo de escola. Não formando esse contingente feminino na proporção de sua procura nem para o lar doméstico, com todas as representações em torno do papel da mulher como mãe e esposa, nem para o mercado de trabalho em sua plenitude. Mesmo assim, contribuíram para a saída da mulher para a rua com outra profissão que não seja apenas a do magistério primário, porém de forma muito tímida, se levarmos em consideração os dados quantitativos. Das dez escolas propostas no decreto de 1911, em âmbito oficial, só surgiram até o final da década de 1920: a Escola Profissional Bento Ribeiro, a Rivadávia Correa e a Paulo de Frontin. Assim, esse pequeno número de escolas profissionais era apenas representativo de uma instrução dada às meninas das classes populares e médias da sociedade carioca como se traduzindo de forma universal na ação do Estado educador.

Imagens das escolas mereceram veiculação em outro tipo documental – o cartão-postal. Nesse outro formato documental produzido para a venda, ou mesmo para a distribuição, as imagens circularam na sociedade carioca, e para além dela, de maneira incisiva, sendo expostas e adquiridas como símbolo de progresso e civilidade social e educativa daquela sociedade (Barros, 1997, p.XXXI). Um cartão-postal só se justifica (afinal, ele vai circular pela cidade, pela sociedade, com valor de compra) para divulgar pontos turísticos e representativos do desenvolvimento e progresso de uma cidade. E o oferecimento de um modelo de educação “adequada” às meninas “desvalidas” pelo Estado se incluía neste progresso.

Por fim, os dados de identificação e as referências de que dispomos sobre cada uma delas estão ao lado das imagens

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Stela Borges de. Negativos em vidro: coleção de imagens do Colégio Antônio Vieira, 1920-1930. Salvador: EDUFBA, 2002.

AMARAL, Alexandrino Freire da; SILVA, Ernesto dos Santos (orgs.). Consolidação das leis e posturas municipais. Legislação Distrital. Rio de Janeiro, v.II, 1906.

ARQUIVO Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Augusto Malta: catálogo da série negativo em vidro. Aristógiton Malta. Coord. Elizabeth Cristina Marques de Loureiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação e Cultura, Divisão de Editoração, 1994. (Biblioteca carioca; v.29. Série Instrumentos de Pesquisa).

AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.

BARROS, Armando Martins de. Da pedagogia da imagem às práticas do olhar: uma busca de caminhos analíticos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997. (Tese de Doutorado em Educação, 2v.).

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

BOIS, Guy. Marxismo e história nova. In.: LE GOFF, Jacques. A história nova. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 242-257.

BOLETIM MENSAL do Colégio Estadual Bento Ribeiro. *60 anos a Bem da Educação*, Rio de Janeiro, n. 2, maio de 1973.

BRAGA, Theodoro (org.). Subsídios para a memória histórica do Instituto João Alfredo. Desde a sua fundação até o presente 1875 - 14 de março 1925. Organizado segundo documentos oficiais para comemorar o 50º aniversário de sua fundação. Rio de Janeiro: Estabelecimento Graphico "Santa Cruz", 1925.

CÂMARA, Sônia de Oliveira. Reinventando a escola: considerações acerca do ensino profissional feminino nas reformas de Carneiro Leão e Fernando de Azevedo para o Distrito Federal durante os anos 20. In. CD Rom do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro, 2000.

CAMPOS, Fernando Ferreira. Um fotógrafo, uma cidade: Augusto Malta, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Maison Graphique, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Iconografia e história. In. *Resgate*: revista interdisciplinar de cultura do Centro de Memória Unicamp. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

CARNEIRO LEÃO, Antonio. O ensino na Capital do Brasil. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1926.

CIAVATTA, Maria. O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2002.

COSTA, Nelson. Rio de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Leo Editores, 1958. (Coleção

Estácio de Sá I)

DUBOIS, P. O ato fotográfico. São Paulo: Papirus, 1994.

DOCUMENTOS parlamentares. Instrução pública. V. 9 Rio de Janeiro. Curso Polytechnico – curso médico-escolas agrícolas e comerciais e outras de natureza technica (1891-1919). Typ. Do Jornal do Commercio. Senado Federal, Sessão de 17/12/1906.

DOSSE, François. A história em migalhas: dos “Analles” à “Nova História”. Tradução Dulce da Silva Ramos; prefácio Elias Thomé Saliba. 3ª ed., 2ª reimp. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

FREITAS, Zoraide Rocha de. História do ensino profissional no Brasil. São Paulo, 1954.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Editora Ática, 1989. (Série princípios)

LE GOFF, Jacques et al. A história nova. Tradução Eduardo Brandão. 4ª ed., 2ª reimp. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (O Homem e História)

LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. História: novos problemas. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 2a. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. (Em co-edição com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação).

MENNUCCI, Sud. 100 anos de instrução pública: 1822-1922. Coleção Assumptos Sociaes. V. CCIII, São Paulo: Editores Salles Oliveira. Rocha & Cia, Typ. Siqueira, 1932.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. A fotografia como documento: uma instigação à leitura. Acervo: revista do Arquivo Nacional. V. 6, n.1-2, (jan./dez.1993). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993. p.121-144.

MOACYR, Primitivo. A instrução no Império. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. II, 1937.

NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na Primeira República. São Paulo: EPU – Editora Pedagógica e Universitária; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Ribeiro de. Do reflexo à mediação: um estudo da expressão fotográfica e da obra de Augusto Malta. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Dissertação de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp).

PEIXOTO, Afranio. A educação da mulher. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. II, 1936.

PREFEITURA do Distrito Federal. Lei do Ensino Primário, Normal e Profissional. Decreto n. 981 de 2 de set. de 1914. Modifica, de acordo com a autorização contida no Decreto legislativo n. 1619 de 15 de julho de 1914, o decreto n. 8838 de 20 de out. de 1911 (Ensino publico Municipal) Rio de Janeiro. Typ. do Instituto Profissional João Alfredo, 1914.

RODRIGUES, José Honório. A pesquisa histórica no Brasil. 3^a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; [Brasília]: INL, 1978. (Brasília: Série grande formato; v.20).

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 2^a ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1979.